

Roma, Sábado 14 de Abril de 2012

Deveras, tudo, tudo é graça. Procurarei sempre entender e compreender as muitas dádivas de amor que acompanharam a minha vida. Fazê-lo ajuda-me, porque descubro o quanto fui amado, liberta-me do orgulho e da presunção e confirma-me que a verdadeira alegria é aquela que encontro na alegria dos outros, aquela que é doada e que vivo com o próximo. Não há ciúmes no amor! Por graça, cresci numa família inspirada por fortes e vividos valores religiosos, quinto filho de seis, de dois pais que se amavam, bons e cristãos; apaixonado divulgador do Evangelho e da igreja o pai, juntamente com a essencial firmeza da mãe; com um tio-avô que preferia os ónus às honras e uma tia que ligeiramente e com bonomia vivia a sua vocação religiosa.

Por graça, encontrei desde jovem a Comunidade de Santo Egídio, onde vivi a adopção de filho, ao longo dos anos do pós Concílio: esperança e empenho, caridade sem limites e oração, Evangelho ligado à vida, radical e verdadeira vocação para todos: comunidade e amor para os pobres; sinais dos tempos e profecia; paixão para a paz e diálogo são elementos que se transformaram com os anos, mas sem se perderem, à procura de uma igreja viva, que continue a dar carne ao Evangelho e a olhar com imensa simpatia para o mundo. Nela amadureceu a minha vocação sacerdotal que me levou a servir a igreja de Roma durante mais de trinta anos, dos quais onze como pároco na Basílica de Santa Maria in Trastevere. Por graça, por demasiado pouco tempo, vivi o serviço na Paróquia dos SS. Simão e Judas Tadeu, uma verdadeira zona pastoral, no grande bairro de Torre Angela. Sentirei muito a falta deles. Enfim, já encontrei o cem vezes tanto assegurado a Pedro e estou claramente ciente de ter recebido muitíssimo amor de muitos, de ter deixado assim tão pouco e das muitas ocasiões e palavras desperdiçadas!

Por graça, e a graça é tal se não for procurada, começo hoje este novo serviço à Igreja e à igreja de Roma, sentindo a pessoal inaptidão e provando temor por uma expectativa assim tão superior às minhas qualidades, das quais conheço os limites e as misérias. Serenamente e livremente, precisamente por isso, entrego-me à força do Espírito derramado num vaso de barro, certo que Ele saberá guiar-me e proteger-me. Agradeço o nosso Bispo, o Papa Bento e Vós, eminência pela confiança, único título que me acompanha. Asseguro a minha obediência filial e sincera e, pelo que poderei fazer, o meu empenho em servir a Igreja e a cidade, colaborando com toda a franqueza e a inteligência do coração, porque só com isso é que possível trespassar o coração dos homens da nossa geração. Vejo muitos, muitos amigos, uma multidão de pessoas.

Agradeço-vos a todos, em particular a quantos, e são muitos, que vieram de longe. Cada um de vós representa uma parte importante e única da minha

vida e juntos, vivemos esta alegria, deveras “nossa” porque só Sua. Entre estes rostos, parece-me ver fisicamente também aqueles das pessoas que já não estão connosco, dos meus entes queridos, dos meus pais, do meu irmão e, um a um, dos meus muitos irmãos e irmãs da comunidade que dolorosamente nos precederam na plenitude do amor, dos idosos que me amaram como um filho e me ensinaram que é possível esperar sempre e que entregar-se a Deus significa estender as mãos para nos deixarmos levar onde o medo não quer e onde encontramos salvação.

Por fim. Quando fui para Torre Angela pensei que aquilo que parece perdido, na realidade, se conserva. Sinto isso como verdadeiro, ainda hoje. Na altura, pensei que o centro está onde se encontra Jesus, a Sua comunidade, os Seus irmãos menores, os pobres. Regresso, geograficamente para o Centro de Roma, atravessado por toda a cidade e não só, porque centro de uma cidade assim tão particular como a nossa e de uma igreja que preside na caridade. Como disse Mons. Feroci, Director da Caritas de Roma, a Igreja deve ser “como o rio que não tem medo de se sujar para atravessar a sua cidade”. E a água é aquela da caridade que torna fértil a vida de toda a cidade, sobretudo, a de quem tem mais necessidade de amor.

Escrevia Olivier Clement, contando de um certo Doroteu de Gaza: “Os raios são distintos. Mas no centro unem-se. Aproximar-se do centro, que é Deus, é viver a revelação do próximo”. “A natureza do amor é assim: quando nos afastamos do centro do círculo e não amamos a Deus, do mesmo modo, afastamo-nos do próximo. Mas se amamos a Deus, a intensidade com que nos aproximamos d’Ele por amor, é a mesma que nos une com amor ao próximo”. Pelo que quanto mais nos aproximamos do Senhor e O pomos no centro, tanto mais nos unimos entre nós! Este é o serviço do Centro da cidade: viver e testemunhar comunhão. Isto é o que gostaria para mim, sempre com a ajuda de Deus: servir a comunhão, e é possível fazê-lo, acho, apenas com a humildade, colocando sempre de parte o eu para procurar o nós que dá sentido e valor a todos. A igreja é comunhão e esta é indispensável para todos; não é só o fim, mas deve ser também o método; precisamos dela para derrotar os muitos aguerridos inimigos, o individualismo e o amor-próprio que arrefecem, tiram a força e fazem desperdiçar oportunidades e talentos. Na verdade, todos os homens são chamados à comunhão, porque é dela que vem a vida. Precisa muito dela o homem da nossa cidade muitas vezes reduzido a ilha, que olha com grande preocupação, senão com angústia, o seu futuro, sobretudo neste tempo de crise. Precisa dela a igreja, comunhão dos santos, que quando lhe falta é mais fraca e não consegue ser crível e perde aquela “simpatia” que deve ter e suscitar em todo o povo. Se há comunhão, somos todos mais fortes; o Evangelho toma forma, percebemos e vivemos o que doutro modo permanece virtual; não nos afastamos da verdadeira vida; sentimos a maternidade de que todos precisamos

de uma vida muitas vezes complicada e dura. Na comunhão entendemos quem somos, reforça-se a nossa fé e aprendemos a reconhecer e a valorizar o próximo, sem medo. Sempre com alegria. Porque a alegria do Senhor é a nossa força. E também, porque não, com bom humor, porque isso protege das tentações.

Peço para mim os olhos espirituais que sabem ver quando a colheita já está madura. E, também no fim de tudo, poder dizer apenas, tal como os mais humildes: obrigado. Sempre com uma abundante recomendação à misericórdia de Deus.

Mons. Matteo Maria Zuppi